

Um texto de Hugo Schuchardt ainda não publicado sobre o verbo do crioulo caboverdiano¹

Jürgen Lang

Universidade de Erlangen-Nürnberg

Este artigo divulga e comenta um manuscrito de Hugo Schuchardt, até agora inédito, acerca dos sistemas verbais das variedades de Crioulo Caboverdiano. Anexa-se a este artigo uma transcrição e imagens do manuscrito. O artigo tenta dar resposta a perguntas relativas à originalidade, organização, fontes e período de produção do texto de Schuchardt. O autor conclui terem sido razões de proibidade científica a impedir que Schuchardt publicasse o seu texto, o que evitou certamente que se difundissem entre a comunidade científica certos erros das suas fontes. Por outro lado, por essa razão, ficaram também por conhecer, por muito tempo, algumas descobertas e intuições brilhantes do fundador dos Estudos Crioulos acerca dos crioulos de Cabo Verde e do Atlântico. O artigo exemplifica os ditos erros das fontes, mas também as descobertas e opiniões de Schuchardt.

Palavras-chave: Hugo Schuchardt, Joaquim Vieira Botelho da Costa, Custódio José Duarte, Crioulo caboverdiano, sistemas verbais.

1. Introdução

Foi nos anos oitenta do século XIX que Hugo Schuchardt dedicou mais tempo e esforço ao estudo das línguas crioulas. Daquela década data também um manuscrito de Schuchardt de dez páginas sobre o verbo caboverdiano, que ficou por publicar. Encontrei-o em janeiro de 2015, entre muitos outros materiais, na pasta 11.23.10.2 do *Hugo Schuchardt Archiv (HSA)*, de Graz – ver Anexo. Em janeiro do ano seguinte, transcrevi-o (o leitor encontra esta transcrição no Anexo, a seguir à bibliografia). Quero agora debruçar-me sobre ele. Fá-lo-ei respondendo às seguintes perguntas: Em que consiste a originalidade deste texto dentro da produção schuchardtiana? (secção 2.); Como está organizado? (secção 3.); Que fontes aproveitou Schuchardt na sua redação? (secção 4.); Quando o

¹ Agradeço a valiosa ajuda prestada pelo *Hugo Schuchardt Archiv* durante as minhas estadias em Graz e ao seu diretor, Bernhard Hurch, assim como a três avaliadores anónimos os seus valiosos comentários a versões anteriores desta contribuição. À senhora Sara Duarte Monteiro Seco agradeço a correção desta versão portuguesa.

escreveu? (secção 5.); Porque é que Schuchardt não o publicou? (secção 6.); Contém este texto descobertas, ideias ou explicações que ficariam ainda muito tempo desconhecidas por não ter sido publicado? (secção 7.).

2. Em que consiste a originalidade deste texto?

Na década dos anos oitenta do século XIX, são numerosos os textos em que Schuchardt trata do crioulo caboverdiano.

Temos, por um lado, as suas resenhas de *O crioulo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt*, de Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte (1886), e dos *Apontamentos para a gramática do crioulo que se fala na ilha de Santiago de Cabo Verde. Revistos por Adolfo Coelho*, de António de Paula Brito (1887). Estas resenhas datam dos anos 1887 e 1889 respetivamente.²

E temos também, por outro lado, os “Kreolische Studien I. Ueber das Negerportugiesische von S. Thomé (Westafrika)”, de 1882, onde compara, a cada passo, os crioulos de São Tomé com o caboverdiano da ilha de Santiago do seu informante António Joaquim Ribeiro, e os “Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch III, Zum Negerportugiesischen der Kapverden”, de 1888, onde publica e comenta dois textos da autoria de Ribeiro e onze provérbios, também na variedade de Santiago, que Ribeiro lhe tinha enviado em 1882.³

O manuscrito que agora passo a comentar difere radicalmente desses escritos, pois, nele, Schuchardt trata de forma sistemática e exaustiva, seguindo rigorosamente um plano original concebido por ele mesmo, uma área da gramática de um crioulo determinado: a do verbo em todas as variedades do crioulo caboverdiano. Não tenho conhecimento de outro texto schuchardtiano que trate de forma similar o sistema verbal de outro crioulo.

3. Como está organizado este texto?

O texto em causa começa sem preâmbulo e ostenta, na última página, espaços deixados em branco, que mostram que não foi terminado. Ficamos assim sem

² Mas cf. já a sua resenha de F. Adolpho Coelho (1880), “Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América” (Schuchardt 1881).

³ Para uma visão geral de todos os escritos de Schuchardt sobre os crioulos ‘africanos’ de base portuguesa, cf. Ploog (2015).

saber se o seu autor tinha a intenção de abarcar ainda outras áreas da gramática do crioulo caboverdiano, ou se preferiu restringir-se à apresentação do seu sistema verbal. Também não sabemos se pensava tirar algumas conclusões, antes de terminar. O texto está redigido numa letra mais moderna e muito mais cuidada do que a dos numerosos papéis de rascunho de Schuchardt que o *Hugo Schuchardt Archiv* conserva. Poderia ter estado destinado a servir de modelo para o tipógrafo.

O texto está, efetivamente, rigorosamente estruturado. Percorre duas vezes o sistema verbal do português, primeiro para registar as formas que sobrevivem de alguma forma materialmente no crioulo caboverdiano, depois para mostrar como o crioulo caboverdiano traduz as formas do sistema português. No fim do primeiro percurso, Schuchardt introduz o segundo da seguinte forma:

Agora, o uso destas formas portuguesas, ou quase portuguesas, dista muito de corresponder exatamente ao seu uso na língua de base. Por isso, voltaremos a percorrer os tempos e os modos do português, para registar as suas correspondências funcionais no caboverdiano, o que nos levará a estudar também a origem e o valor das partículas auxiliares que se antepõem aos verbos.⁴

Schuchardt torna visível a articulação do seu texto sublinhando com linha ondulada, dentro do texto corrido, as palavras-chave:

Tabela 1: Formas verbais do Caboverdiano

[Primeira parte]	[Segunda parte]
<u>Infinitiv</u>	<u>Gerundium und Part. Pass.</u>
<u>Praesens</u>	<u>Infinitiv, Imperativ, Coniunctiv des Praesens und des Futurums</u>
<u>Perfectum</u>	<u>Praesens</u>
<u>Conj. Futurum</u>	<u>duratives Praesens</u>
<u>Indicativ des Imperfectums</u>	<u>Futurum Ind.</u>
<u>Coniunctiv des Imperfectums</u>	<u>Imperfectum Ind.</u>
<u>Gerundium</u>	<u>Imperfectum Conj.</u>
<u>Participium des Passivs</u>	<u>Conditionalis</u>
	<u>Conditionalis Praet.</u>
	Zusammengesetzte Formen des Portugiesischen
	Ansätze zu passiver Coniugation

⁴ “Der Gebrauch dieser portugiesischen und portugiesierenden Formen des Capverdischen ist nun weit davon entfernt sich vollständig mit dem in der Grundsprache herrschenden zu decken. Wir werden demnach die einzelnen portugiesischen Tempora und Modi noch einmal durchgehen um die functionellen Correspondenten im Capverdischen festzustellen, wobei denn auch der Ursprung und der Werth der vorgesetzten Hülfspartikeln erörtert werden wird” (manuscrito p. 5).

Para usar a terminologia do próprio autor, a primeira parte trata a sobrevivência material do infinitivo, do presente, do perfeito, do conjuntivo do futuro, do indicativo do imperfeito, do conjuntivo do imperfeito, do gerúndio e do ‘particípio da voz passiva’ do português no crioulo caboverdiano. Na segunda parte, são enumeradas as ‘correspondências funcionais’ caboverdianas para as seguintes formas do português: gerúndio e ‘particípio da voz passiva’; infinitivo, imperativo, conjuntivo do presente e do futuro; perfeito; presente; presente durativo; futuro do indicativo; imperfeito do indicativo; imperfeito do conjuntivo; condicional; condicional do pretérito; formas compostas do português. Schuchardt termina mencionando ‘indícios de uma conjugação de passiva’ no caboverdiano.

Nesta altura, impõe-se relatar um pormenor: no manuscrito, há uma parte que surge com duas versões. Primeiro, Schuchardt escreveu sobre a sobrevivência material do infinitivo, da terceira pessoa do presente do indicativo e do imperfeito do indicativo portugueses no crioulo caboverdiano. Chegado ao fim do terceiro ponto, reescreveu tudo a partir do início do segundo ponto (a que agora chama *Praesens*), remetendo para publicações próprias que, ao que parece, momentaneamente não tinha tido à mão. Prossegue depois, executando todo o programa por ele traçado (cf. a transcrição no Anexo). Das partes duplicadas, aproveito aqui apenas a versão mais elaborada.

4. Que fontes aproveitou Schuchardt na redação deste texto?

Quando empreendeu a redação deste texto, Schuchardt dispunha já de: “Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América”, de 1880, de Adolfo Coelho; de todos os materiais, inclusive uma versão da parábola do filho pródigo no crioulo de Santiago, que António Joaquim Ribeiro lhe tinha enviado entre Janeiro de 1881 e Janeiro de 1883 (cf. Lang 2017: 2); de uma carta com muita informação, de Joaquim Vieira Botelho da Costa, que data de 12 de Fevereiro de 1883 (cf. HSA, carta nº 02221); e, sobretudo, dispunha já do manuscrito dos *Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt*, que Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte haviam terminado no mês de Julho de 1884 (cf. Schuchardt 1887: 134) e enviado a Schuchardt, junto com uma carta, no dia 6 de Agosto do mesmo ano (cf. HSA, carta nº 02222); o belo manuscrito destes *Breves estudos* forma a pasta 11.23.10.3 do HSA.

Quando Schuchardt começou a reescrever os parágrafos dois e três do seu texto, aproveitou também textos seus relativos ao crioulo de São Tomé e ao

indo-português de Cochim, que tinham sido publicados como “Kreolische Studien I e II”, nos nº 101 e 102 dos *Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften (philosophisch-historische Classe)* e que não haviam sido citados na primeira versão destes dois parágrafos.

5. Quando escreveu Schuchardt este texto?

As fontes usadas por Schuchardt para a redação do seu texto fornecem um *terminus post quem* para esta redação. Schuchardt só começou a redigir o texto depois de ter recebido o manuscrito dos *Breves estudos* de Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte, que estes lhe tinham enviado a 6 de Agosto de 1884. E talvez só o tenha feito depois de ter obtido, numa carta infelizmente sem data, a resposta à sua pergunta sobre se os dois pensavam publicar os seus *Breves estudos*, como tinham insinuado na missiva que acompanhava o manuscrito.⁵ Eis como os dois autores responderam a esta pergunta:

Quanto à publicação dos rudimentos de crioulo em um jornal portuguez a nossa intenção foi sempre a seguinte: se chegarmos a publicá-los não ha de ser de certo tão cedo, e ainda assim, para essa epocha, se o authorisado parecer de V.Ex.^a os não tiver como só dignos do limbo. Não ha pois a receiar de nossa parte passo algum que prejudique a situação de V.Ex.^a para com a Academia de Vienna. (HSA, carta nº 02224)

No *Hugo Schuchardt Archiv*, não encontrei nenhuma carta em que os dois autores consultassem efetivamente Schuchardt, antes de publicarem os seus *Breves estudos* em 1886. A resposta de 1884 informa-nos de passagem que Schuchardt ou já tinha prometido o seu texto à Academia de Viena, ou tinha intenção de o fazer. Em resumo: parece que Schuchardt começou a redigir o texto, o mais tardar, imediatamente depois de receber esta resposta, provavelmente em Setembro de 1884.

É mais difícil averiguar quando Schuchardt deixou de trabalhar no seu texto. Tentarei circunscrever este momento, invertendo o argumento que me serviu para encontrar um *terminus post quem* para o início do seu trabalho: há textos que Schuchardt teria certamente aproveitado, se já os tivesse à mão ao redigir o seu texto tal como chegou até nós. Este é sem dúvida o caso dos

⁵ “Temos tanto maior interesse em conhecer a opinião de V.Ex.^a, quanto, se por acaso estes lineamentos tivessem um pequenino valor, talvez nos viesse a ideia de os publicar no Boletim da Sociedade de Geographia / Commercial do Porto. Isto, contudo, depois de ouvir o authorisado parecer de VEX.^a” (vgl. HSA, carta nº 02222 do 06-08-1884, pp. 1/2).

“Apontamentos para a gramática do crioulo que se fala na ilha de Santiago de Cabo Verde”, que António de Paula Brito publicaria em 1887, no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. E será também o caso da versão impressa dos próprios *Breves estudos*, que saiu em 1886, pois, no seu texto, Schuchardt ignora correções à versão manuscrita que os dois autores efetuaram por ocasião da sua impressão.⁶

E atrevo-me a ir mais longe. Penso que é também o caso dos abundantes materiais em crioulo da Guiné-Bissau, de Marcelino de Barros, que Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte transmitiram a Schuchardt, já com a data de 17 de Outubro de 1884. Custa-me admitir que Schuchardt se refira, no seu texto, a crioulos bastante afastados como os das ilhas Maurícia e Curaçau e não aluda uma única vez ao da Guiné-Bissau, sendo-lhe possível fazê-lo. Se esta dedução estiver correta, Schuchardt teria desistido já a finais de Outubro de 1884 de trabalhar no seu texto, pouco tempo depois de ter começado.

Significa isto que abandonou *ipso facto* a ideia de voltar um dia ao mesmo? Há uma afirmação do próprio Schuchardt a este respeito. Em 1887, na sua resenha dos *Breves estudos*, lembra com gratidão que, já em 1884, tinha recebido uma versão manuscrita dos mesmos e diz, aludindo ao nosso manuscrito:

Comecei então a analisar o tesouro linguístico caboverdiano, sentindo-me, porém, tanto menos impelido a acabar e publicar os resultados, quanto mais vi o quão reduzido seria o meu próprio contributo. Alegra-me, portanto, o facto de os dois senhores se me terem antecipado com a publicação dos seus estudos.⁷

⁶ Quando trabalhou no texto em causa, o *a* da partícula verbal *ál* do crioulo caboverdiano era para Schuchardt um [e] fechado. E, de facto, nas pp. 44/45 do manuscrito dos *Breves estudos*, lê-se: “O verbo habê- haver, apenas se emprega no presente do indicativo, onde faz *al* (ou) *â* para a formação do futuro imperfeito composto, e condicional composto; ...”. É certo que esta afirmação contrasta, dentro do manuscrito dos *Breves estudos*, com as tabelas de conjugação das pp. 47-48 e 50-53, nas quais a partícula se escreve sempre *Ál* (Sotavento) e *Á* (Barlavento). Mais tarde, na versão impressa, lê-se, porém, onde antes dizia *al* (ou) *â*: “..., onde faz *ál* (ou) *á* para a formação do futuro imperfeito composto, e condicional composto; ...” (cf. Costa & Duarte 1886[1967]: 272). E, na sua resenha da versão impressa dos *Breves estudos*, o próprio Schuchardt escreverá mais tarde *ál cantâ* (cf. Schuchardt 1887: 141).

⁷ “Ich begann die Bearbeitung des kapverdischen Sprachschatzes, aber ich fühlte mich um so weniger zum Abschluss und zur Veröffentlichung gedrängt als ich einsah wie gering dabei meine eigene Zuthat ausfallen würde. Es ist mir daher lieb dass jene beiden Herren mir mit der Drucklegung ihrer Studien zuvorgekommen sind.” E continua: “Diese haben ihre ursprüngliche Gestalt bewahrt, nur sind sie, wie es am Schluss heisst (wo die Verf. sich unterzeichnen) ‘posteriormente revistos e muitissimo augmentados’” (Schuchardt 1887: 133).

Os indícios que vimos de que Schuchardt suspendeu o trabalho no seu texto muito antes da publicação dos *Breves estudos* convidam a levar este “tanto menos” (al. *um so weniger*) à letra: quer dizer, o ímpeto de acabar e publicar o seu texto já tinha decaído antes, presumivelmente pouco tempo depois de Schuchardt começar a analisar “o tesouro linguístico caboverdiano”.

Contudo, apesar de ter suspenso o trabalho tão cedo, não creio que Schuchardt já tivesse abandonado completamente a ideia de aperfeiçoar o seu texto e publicá-lo um dia quando, em 1887, resenhou os *Breves estudos*. Pela seguinte razão: se a publicação dos *Breves estudos* tivesse sido o desencadeador do abandono definitivo do projeto schuchardtiano, o mais normal seria que ele aproveitasse parte das reflexões que já tinha reunido no seu texto para a sua resenha dessa publicação. No entanto, das quase nove colunas (de 65 linhas cada) que compõem a sua resenha, Schuchardt dedica apenas 20 linhas ao verbo. Pode dizer-se, sem exagerar, que Schuchardt, nesta resenha, fala de tudo menos de gramática. Não encontro outra explicação para tal facto senão a de que Schuchardt ainda não se tinha desprendido por completo da ideia de voltar um dia ao seu texto. É mais provável que aproveitasse a sua resenha para se livrar, com as palavras que acabo de citar, de um compromisso assumido com a Academia de Viena.

Talvez o surgimento, no mesmo ano de 1887, dos “Apontamentos para a gramática do crioulo que se fala na ilha de Santiago de Cabo Verde”, de António de Paula Brito, com, entre outras coisas, uma enumeração exaustiva das formas verbais do crioulo de Santiago, desse o golpe mortal no projeto de Schuchardt. Contudo, também parece possível que nunca tivesse tomado uma decisão consciente neste sentido.

Ficamos, portanto, com o problema de saber porque decaiu tão rapidamente o ímpeto de completar, aperfeiçoar e publicar este texto.

6. Porque é que Schuchardt não publicou este texto?

Penso que o que levou Schuchardt a suspender o trabalho no seu texto – definitivamente ou, pelo menos, até nova decisão – e o impediu de publicá-lo no estado em que nos chegou não foram, em primeiro lugar, considerações de ordem pessoal, nem a convicção de que o essencial já estava dito sobre o verbo caboverdiano, mas razões de probidade científica.

6.1. Dúvidas acerca da exaustividade e fiabilidade das informações

Antes de mais, suponho que Schuchardt não queria difundir, antes de as ver completas e confirmadas, informações de cuja fiabilidade duvidava. A euforia que indubitavelmente sentira quando recebeu o manuscrito dos *Breves estudos* teria decaído depressa. Compreenderia rapidamente que ainda lhe faltavam muitas informações para uma descrição completa do verbo caboverdiano, nomeadamente quanto à sua variação geográfica, e desconfiaria de certas informações que tinha. Só excecionalmente se atreveu a rejeitar algumas, como quando afirma, em relação às formas en (ta) biro ‘viro-me’ e (in) xinto ‘sentome’ que tinha encontrado em Coelho, que lhe pareciam questionáveis devido às desinências pessoais e que se tratava certamente de formas portuguesas alheias ao crioulo puro.⁸ Mas desconfiaria também de determinadas informações contidas nos *Breves estudos*, só que aí não se atrevia a rejeitá-las, em vista do enorme esforço empreendido pelos dois autores para satisfazer a sua curiosidade.

De facto, as imprecisões são frequentes e os erros não poucos, nesta admirável obra em que, por outro lado, ainda hoje é possível fazer descobertas.⁹ Já na sua primeira carta de 20 de Janeiro de 1882 (*HSA*, carta nº 02631), o médico-poeta Custódio José Duarte (*1841 Vila Real, Portugal, †1893 Mindelo, São Vicente) tinha confessado a Schuchardt: “Por mais custosa que a confissão seja devo declarar que, residindo n’estas ilhas ha quinze annos, ainda não sei fallar creoulo”. Seria, pois, Joaquim Vieira Botelho da Costa (*1824 Lisboa, †1898, Mindelo, São Vicente), administrador do concelho de S. Vicente de 1872 a 1893 e casado com uma mulher do Fogo, quem forneceria a maior parte das informações linguísticas contidas nos *Breves estudos*, apoiando-se certamente em informantes originários de outras ilhas, que se tinham instalado em São Vicente. Mas não esqueçamos que, naquela época, São Vicente era uma autêntica Babel linguística. Em carta de 12 de Fevereiro de 1883 (*HSA*, carta nº 02221), Joaquim Vieira Botelho da Costa escrevera a Schuchardt:

⁸ “Die von Coelho angeführten Formen (el tâ) lêba, (en) pêga, (en ta) biro, (in) xinto kommen mir sehr bedenklich, die beiden letzteren, wegen der Personalendung, geradezu ungläublich vor; es werden portugiesische, dem reinen Kreolisch fremde Formen sein.” (manuscrito pp. 2 e 3)

⁹ Veja-se por exemplo Costa & Duarte (1886[1967]: 237), onde se lê: “Na ilha do Fogo, a voz *'stâba* apresenta-se às vezes reduzida à última sílaba, e posposta à palavra que rege; exemplos: *In câ sabeba s'el mal ba cu mí* ‘não sabia se ele estava mal comigo’, *In mêdo ba el* ‘eu estava com medo dele’.” Não creio que se trate de uma forma abreviada de *stâba*, mas sim da simples marca de anterioridade *ba*. Sabíamos que em Santiago *mêdu* pode funcionar como verbo (cf. Brüser 2002: s.v. *meda*), mas não que o mesmo vale (ou valia então, pelo menos) no Fogo pelo advérbio *mal*.

Em relação ao crioulo d'esta ilha repetirei aqui o que já disse, na publicação a que V.Ex.^a se refere na sua citada carta; isto é não haver em S. Vicente crioulo privativo, fallando-se aqui o de todas as outras ilhas.

Podia Schuchardt razoavelmente pensar que os dois autores se informavam de forma fiável, não apenas sobre as variedades crioulas das ilhas adjacentes de Santo Antão e São Nicolau, mas ainda sobre as das ilhas mais afastadas, como Brava, Santiago, Maio e Boavista – ou que dispunham para todas elas de informantes cujo crioulo estivesse isento de influências do ambiente em que agora viviam? Adolpho Coelho teria razão quando, mais tarde, escreveria no seu prefácio aos *Apontamentos* de António de Paula Brito:

O trabalho do sr. A. de Paula Brito [...] merece a publicação [...] porque tem por objecto o estudo especial do dialecto de Santiago, que o autor fala desde a infância. Devem ser estudados separadamente os dialectos e depois comparados,[...]. (Brito 1887[1967]: 333)

Apesar da sua boa vontade, do seu grande empenho e, pelo menos no caso de Joaquim Vieira Botelho da Costa, de admiráveis conhecimentos a respeito das outras variedades, é forçoso admitir: os dois mindelenses de eleição tinham abusado das suas capacidades. E Schuchardt, cometendo o mesmo erro, apercebeu-se a tempo e desistiu. Sejam os claros: ainda hoje nos faltam muitas informações relativamente a variedades como as de Santo Antão, São Nicolau e Boavista, para levar a bom porto um trabalho como o dos dois mindelenses ou o de Schuchardt.

É verdade que os dois mindelenses aproveitaram a impressão dos seus *Breves estudos* para substituir o acento circunflexo pelo agudo na partícula *ál*, esclarecendo que a vogal desta partícula é, em todo o arquipélago, um [a] aberto e não um [ɐ] fechado. Contudo, a maior parte dos seus erros ficou por corrigir, na versão impressa. Por um lado, atribuíam fenómenos ou formas a uma determinada ilha ou região que, já na sua época, ocorriam também noutras; por outro lado, afirmavam que determinados fenómenos ou formas se estendiam ao Sotavento, quando ainda hoje só ocorrem no Barlavento, ou mesmo apenas em Santo Antão.

A abreviação de *stába* em *stá* – com [a] aberto –, por exemplo, não ocorria apenas no Barlavento, como sugere Schuchardt, apoiando-se em Costa & Duarte (cf. Costa & Duarte 1886[1967]: 273, 275); ocorria também no Sotavento, como demonstrei noutro lugar (cf. Lang 2017: 10). Formas do

conjuntivo do tipo cantasse, cumesse, dormisse, pôsse e lambusse¹⁰ usam-se até ao dia de hoje para todos os verbos em Santo Antão. Mas, como atualmente não ocorrem no Sotavento e não aparecem nos materiais de António Joaquim Ribeiro, nem nos *Apontamentos* de António de Paula Brito, é de supor que os dois mindelenses tivessem simplesmente copiado, no seu *Quadro das cinco conjugações* (cf. Costa & Duarte 1886[1967]: 278-279), estas formas do Barlavento para o Sotavento, para que não ficassem espaços em branco. O mesmo vale para os gerúndios do tipo tendo, sendo, stando, cantando, cumendo, dormindo, pondo, lambundo e os participios tido e sido (cf. Costa & Duarte 1886[1967]: 175, 178-179). Pior ainda: os dois autores alegam a ocorrência das formas Tiber, Fôr, e 'Stiber no seu *Quadro dos verbos auxiliares* apenas no Sotavento, ou seja, exatamente na região onde hoje não se usam e provavelmente nunca se usaram (cf. Costa & Duarte 1886[1967]: 275). Schuchardt não tinha outra alternativa senão crer ou desistir.

No caso do *imperfeito do conjuntivo*, a imprecisão quanto à localização das formas levou Schuchardt a supor que não eram muito ‘apreciadas’ (*beliebt*) pelos falantes do crioulo - certamente porque raramente as tinha encontrado nos textos. Hoje em dia, são perfeitamente normais em Santo Antão. Nas restantes ilhas do Barlavento, só subsistem formas deste tipo para alguns verbos. E, no Sotavento, é de supor que nunca existiram. Pelo menos a respeito de Santo Antão e do Sotavento, não faz pois sentido dizer que as formas não eram apreciadas: onde existiam, usavam-se quando convinha. É provável que Schuchardt pressentisse a verdade que se escondia atrás de formulações como esta que, no entanto, dificilmente podia evitar.

Para além disso, havia pontos dos quais Schuchardt dificilmente podia não desconfiar. Veria com assombro que os dois atribuíam à forma *ê* do verbo copulativo a possibilidade de corresponder, no Sotavento, não apenas ao *é* português, mas também ao seu *fui*, *foste*, *foi*, etc.¹¹ (cf. o *Quadro dos verbos*

¹⁰ Na reprodução de exemplos encontrados em Schuchardt, respeito as convenções gráficas do autor. De resto, sigo o uso geral de dar os exemplos em itálico e os significados entre apóstrofes.

¹¹ Como explicar esta falha dos dois mindelenses? Eis uma tentativa de explicação. António de Paula Brito viu os *Breves estudos* em Lisboa, antes de dar os seus *Apontamentos* à imprensa, e acrescentou algumas notas que já não se dava ao trabalho de traduzir para o crioulo. Encontrava o *ê* supostamente no pretérito perfeito, o que o faria interrogar-se. Tal como Schuchardt, deixaria-se enganar e acrescentaria na sua conjugação dos verbos *sér*, *istâ* no ‘pretérito perfeito’, não *ê*, mas apenas *ê-mi*, explicando numa nota: “..., *é*, só serve para as interrogativas e para as que lhes servem de resposta: [...] *kenh'é ki fazê' ês kuza?* ‘quem foi que fez isto?’ *é mi* ‘fui eu’” (Brito 1887[1967]: 372, nota 14). Mas claro, as proposições introdutoras *kenh'é ki...* e *é mi (ki ...)* servem aqui para focalizar, não para localizar a ação no passado. A localização da ação no tempo é obra do verbo *fazê*, verbo de processo cuja forma não marcada remete para o passado.

auxiliares em Costa & Duarte 1886[1967]: 275) – possibilidade que, de facto, esta forma não tem em parte nenhuma do arquipélago. E talvez lesse com igual assombro que os dois consideravam os verbos *sabê*, *q're* e *pôdê* “irregulares” porque “perdem a partícula *tâ* no presente do indicativo” (cf. Costa & Duarte 1886[1967]: 281). Desconfiaria do que lia, mas, como veremos mais adiante, aceitou-o.

Poderia alegar mais indícios de que Schuchardt duvidava por vezes das informações que obtivera e mais provas de que tinha razão em duvidar. Aliás, lamentavelmente, parece ter duvidado mais dos dados linguísticos que lhe fornecera António Joaquim Ribeiro e dos que posteriormente encontraria nos *Apontamentos* de António de Paula Brito do que dos que devia a Custódio José Duarte e Joaquim Vieira Botelho da Costa. Isto apesar de os dois praienses terem crescido em Santiago e escreverem um santiaguense impecável,¹² ao passo que os dois mindelenses tinham chegado adultos a Cabo Verde e pretendiam abordar, num só tratado, todas as variedades do crioulo caboverdiano. Mas como saber que o crioulo do comerciante António Joaquim Ribeiro, da Praia, e o do chefe dos correios da Praia, António de Paula Brito, era rigorosamente correto? A formação académica dos dois mindelenses, o seu interesse pela variação linguística dentro do arquipélago e a dedicatória dos *Breves estudos* inclinariam a balança para o seu lado.

É lícito supor que as dúvidas relativamente à fiabilidade das suas informações preocupassem Schuchardt neste trabalho muito mais do que noutros. Tendo-se proposto cobrir todo o sistema verbal caboverdiano, não lhe era possível ater-se exclusivamente ao que lhe parecia indubitável e ignorar discretamente tudo quanto lhe parecia duvidoso.

6.2. Problemas teóricos e de organização

Ainda assim, duvido que fossem sobretudo estas dúvidas quanto à fiabilidade de certas informações que impediram Schuchardt de completar e publicar o seu trabalho, pois tais dúvidas eram inerentes ao método schuchardtiano de recolha de dados. Coloca-se, portanto, uma questão delicada. É possível que Schuchardt começasse a duvidar também da sensatez do plano por ele mesmo traçado e/ou da sua aptidão pessoal para o pôr em prática?

¹² Para o crioulo de António Joaquim Ribeiro cf. Lang (2017: 4). A resenha dos *Apontamentos* de António de Paula Brito por Schuchardt saiu indevidamente crítica. O crioulo de Paula Brito é também impecável e, sem que fosse linguista ou tivesse provavelmente formação académica, dava provas de uma intuição fonológica surpreendente.

De facto, não são raros os casos em que o próprio Schuchardt não respeita a ordem que se tinha imposto. Tem certamente razão quando deriva as formas não marcadas q'rê, sabê, pôdê, encontradas em Costa & Duarte (1886[1967]: 281), do ptg. *querer*, *saber* e *poder*, e não de *quer*, *sabe* e *pode*. Mas, nesse caso, teria de mencioná-las no parágrafo dedicado à sobrevivência material de infinitivos portugueses, e não naquele consagrado à sobrevivência de formas portuguesas do presente. Não creio que seja uma falta de respeito dizer que não era fácil para Schuchardt ater-se a uma ordem rigorosa.

Mas há outro problema maior que não tem a ver com o temperamento do autor, mas com o estado dos estudos linguísticos da época.

Ignoramos as razões que levaram Schuchardt a escolher os dois critérios em que baseia a divisão do seu texto em duas partes. A primeira tarefa, que consistia em enumerar as formas verbais do português que sobrevivem materialmente, de alguma forma, nas variedades do crioulo, provou ser uma empresa perfeitamente viável. Os resultados obtidos poderiam ter servido para tirar conclusões interessantes: são as formas menos marcadas e/ou as mais frequentes as que sobrevivem num processo de criouliização? O que nos ensinam estas formas quanto à linguagem usada pelos colonos no seu relacionamento com os escravos? Etc.

A segunda tarefa que Schuchardt se impôs revelou-se muito mais problemática. Custódio José Duarte e Joaquim Vieira Botelho da Costa, e mais tarde António de Paula Brito, pretendiam encontrar, para cada forma ou grupo de formas do português – como gerúndio, presente do indicativo, etc. –, uma forma crioula que lhes correspondesse. Assim o patenteiam os seus quadros de conjugação. Mas, desta forma, é impossível fazer jus às funções das formas crioulas, pois tal implica ignorar a verdade humboldtiana de que as diferenças entre as línguas não são apenas diferenças de som ou, numa terminologia mais moderna e matemática, implica ignorar que os significados, tanto lexicais como gramaticais, de diferentes línguas mantêm entre si relações irracionais. Confrontado com este dilema, Schuchardt não optou pela solução razoável de partir das formas crioulas e enumerar, para cada uma delas, todas as formas, tempos e modos portugueses que lhes correspondem em diferentes contextos. Antes pelo contrário, aferra-se ao mesmo princípio dos seus interlocutores caboverdianos, só que, menos ingénuo, resigna-se a dar várias correspondências crioulas para cada forma ou grupo de formas portuguesas.

É, pelo menos, o que pretende fazer, mas a ordem natural chega a frustrar a ordem autoimposta. O parágrafo curiosamente intitulado “Infinitiv, Imperativ, Conjunctiv des Praesens und des Futurums” constitui um caso espetacular. Começa deste modo: “O presente e futuro não absolutos, isto é dependentes,

condicionados ou desejados, ou seja, o infinitivo, imperativo, presente e futuro do conjuntivo [português] exprimem-se pela forma de base do [verbo] caboverdiano, ...”.¹³ Isto é, afastando-se do plano traçado por si próprio, Schuchardt não enumera aqui formas crioulas que correspondem a uma forma, a um tempo ou a um modo do português, mas formas portuguesas que, em diferentes contextos, podem corresponder à forma de base dos verbos crioulos. Infelizmente, não toma plenamente consciência deste facto, com o qual também não satisfaz plenamente as exigências dessa ordem natural de proceder, que, momentaneamente, se tinha sobreposto à ordem autoimposta. Pois teria de ter acrescentado que a forma não marcada exprime, evidentemente, também o presente “absoluto”, tratando-se de verbos de estado (cf. santiaguense *Ami N gosta di bo* ‘Eu gosto de você’) e o passado “absoluto”, tratando-se de verbos que designam processos (cf. santiaguense *E nbárka pa Mérka* ‘Emigrou para Estados Unidos’). Entenda-se por “absoluto”, de acordo com Schuchardt, o que é ‘não dependente’, ‘não condicionado’ e ‘não desejado’.

A ideia de que esta forma não marcada do verbo poderia ser, simplesmente, a forma também semanticamente não marcada, sendo as várias funções aqui enumeradas apenas impostas por determinados contextos, não devia estar ao alcance da época.

7. Contém este texto descobertas, ideias ou explicações que ficariam ainda muito tempo desconhecidas por não ter sido publicado?

Apesar destas deficiências, sendo Schuchardt quem foi, o seu texto contém observações que o colocam bem à frente do seu tempo.

Afirmando, como acabamos de ver, a possibilidade de a forma não marcada remeter para “um presente ou um futuro dependentes, condicionados ou desejados”, o erudito de Graz aproxima-se por caminhos tortuosos do reconhecimento de uma verdade que muitos crioulistas continuam a ignorar: isto é, prescinde-se frequentemente, no caboverdiano e provavelmente em muitos crioulos, do uso das marcas disponíveis nos contextos, que já de si implicam o seu valor. Por isso ficam sem a marca *ta* da imperfetividade os verbos nos atos de fala diretivos (cf. santiaguense *Ka bu sende lus!* Não acendas a luz!) e os verbos nas subordinadas que enunciam uma condição (cf. sant. *Si*

¹³ “Die nicht absolute, d.h. die abhängige, bedingte oder gewollte Gegenwart und Zukunft also der port. *Infinitiv, Imperativ, Conjunctiv des Praesens* und des *Futurums* wird durch die capverdische Grundform ausgedrückt, welche wie gesagt fast immer der Infinitiv ist.” (manuscrito p. 5)

bu kre, ... ‘Se quiseres, ...’) ou que dependem de verbos de desejo, intenção, etc. (cf. sant. *Nha fidju*, *N kre pa e studa* ‘Quero que o meu filho estude’), isto é, ficam sem a marca da imperfetividade os verbos em contextos já de si claramente imperfetivos. Qualquer descrição do verbo caboverdiano que não tenha em conta este facto está condenada a cair em horrendas contradições.

Noutros casos, Schuchardt não sugere apenas alguma verdade (como a da existência de formas semanticamente não marcadas), mas articula-a claramente na sua própria linguagem. Quanto à morfologia do crioulo, tem o mérito de estabelecer, ao passar a falar da sobrevivência de formas do pretérito imperfeito do português, uma distinção que ignorariam muitos dos seus sucessores. Diz ele: “Finalmente, convém enumerar aquelas formas do português que o caboverdiano não apenas conservou sem exceção, mas até renovou, em parte por derivação, a partir das próprias formas de base”.¹⁴ Numa terminologia mais moderna: tal como existe um imperfeito para todo o verbo português, há um anterior para todo o verbo caboverdiano, mas nem todas as formas do anterior crioulo derivam de formas do imperfeito português, muitas foram refeitas a partir de formas de base de verbos crioulos. Schuchardt chama ‘analógicas’ a tais formas refeitas como bâba, bêmba, comêba, dormiba, pôba, podeba, têmba, que não continuam as portuguesas *ia*, *vinha*, *comia*, *dormia*, *punha*, *podia* e *tinha* e que provam a existência de um procedimento crioulo para a formação do anterior. E, a partir de aí, Schuchardt não se esquece nunca de referir estas formas ‘analógicas’ que provam a existência de procedimentos autenticamente crioulos.¹⁵

Menciono mais três destes golpes certos tipicamente schuchardtianos. O nosso autor afirma de forma lapidar que não é de estranhar que, numa língua onde a mesma forma ta cantâ expressa presente e futuro, outra (isto é, ta cantaba) corresponda tanto ao imperfeito, como ao condicional do português. Schuchardt é o primeiro, e permanecerá por muito tempo o único, a observar que, nas perífrases do caboverdiano, não faz diferença se a marca de anterioridade *-ba* se junta ao verbo auxiliar ou ao verbo principal. E relaciona este facto com a impossibilidade de se distinguir, neste crioulo, entre formas finitas e infinitivas. É igual dizer *N debeba purgunta-l*, ou *N debe purguntâba-*

¹⁴ “Schliesslich sind diejenigen portugiesischen Formen aufzuzählen welche / das Capverdische nicht nur durchgängig erhalten, sondern zum Theil auch / durch Ableitung aus der eigenen Grundform verjüngt hat” (manuscrito, p. 4).

¹⁵ Menciona, como formas crioulas ‘analógicas’, pôsse (ao lado de possesse), a comparar com o ptg. *pusesse*, bando, a comparar com o ptg. *indo* e bâdo, podo (Sot.), a comparar com os ptg. *ido* e *posto*. Procedimentos crioulos que permitem a formação de lambundo, lambudo, a partir de um verbo lâmbu ‘agasalhar-se’, de origem africana (provavelmente do wolof *lâmboo* ‘id.’, J.L.).

el ‘Devia perguntar-lhe’. Acrescento que é igualmente lícito adicionar a marca de anterioridade tanto ao auxiliar, como ao verbo principal (*N debeba purguntába-el*) e que, *mutatis mutandis*, se observa a mesma liberdade de colocação em relação à marca de passividade –*du* (cf. Lang 2018: 4.2.2.3.2 e 4.2.2.3.3).

E, falando de passividade, convém sublinhar que, quando Schuchardt termina o seu texto mencionando ‘elementos de uma conjugação da passiva no crioulo’ (*Ansätze zu passiver Conjugation*) e alegando exemplos como *flâdo* ‘diz-se’, *es cusa tâ flâdo?* ‘diz-se assim?’, *ê bá pidí ê dado un cabo* ‘Foi pedir que lhe dessem um lugar’, está claro que se refere a uma voz passiva sintética e não analítica, como a das línguas românicas. Hoje podemos estar mais convictos: não há apenas “elementos de uma voz passiva sintética em caboverdiano”, existe neste crioulo uma voz passiva sintética que, claramente, toda a gente usa.

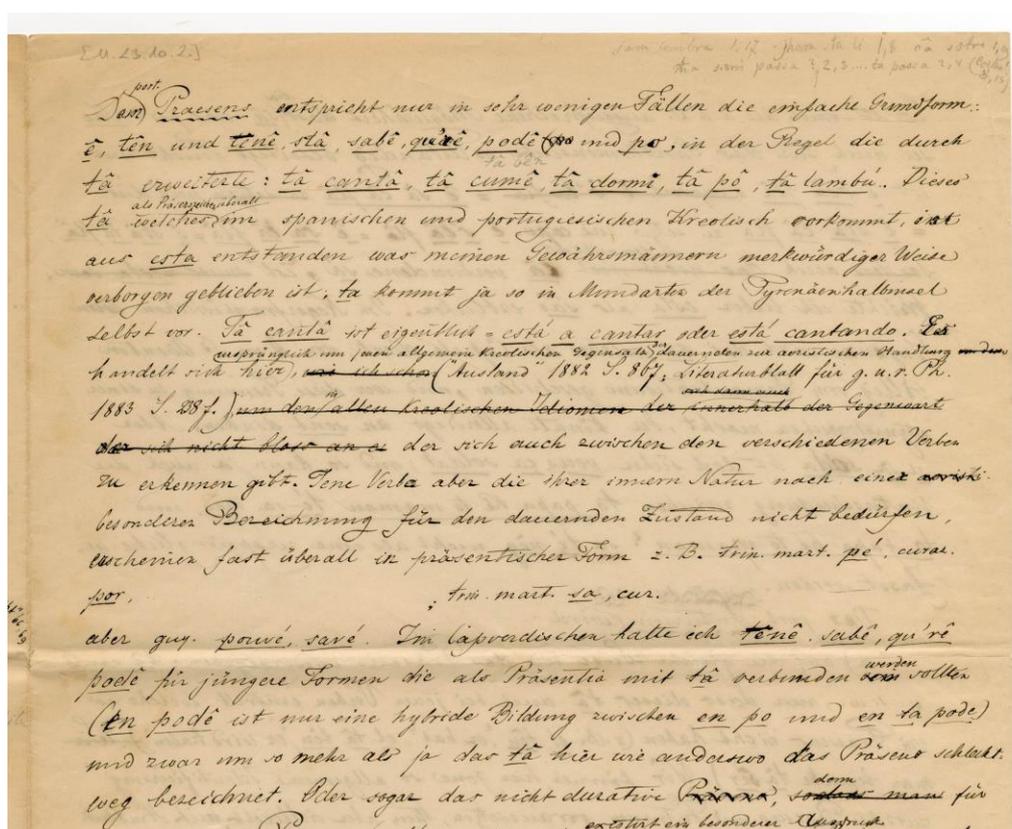


Figura 1: Início da página 7 do manuscrito (v. tb. Anexo) com correções do autor que denunciam insegurança

Termino comentando uma passagem em que Schuchardt – relutantemente,

como o demonstram as correções no manuscrito – renuncia a reconhecer ao caboverdiano uma característica que, como entretanto sabemos, caracteriza todos os crioulos atlânticos.¹⁶ Começa as suas considerações, a respeito das correspondências funcionais crioulas do presente português, com esta afirmação:

Apenas nalguns casos corresponde ao presente do português a simples forma de base: ê, tên e tenê, stâ, qu'rê, podê e po; regra geral [corresponde-lhe] a forma de base precedida de tâ: tâ cantâ, tâ cumê, tâ durmi, tâ pô, tâ lambú.¹⁷

A seguir, mostra que está familiarizado com o princípio de a forma verbal de base remeter para o presente, nos verbos estativos, e para o passado, nos verbos que designam processos. Lembra, a este propósito, uma interessantíssima passagem da sua resenha da obra de Lucien Adam, onde, baseando-se nas informações de um africanista sobre o wolof, comparara:

	Crioulo de Trinidad	Wolof
'amo'	<i>moen aimen</i>	<i>sopq-nā</i>
'comi'	<i>moen manger</i>	<i>lekq-nā</i>

(cf. Schuchardt 1883a: col. 238/239)

Quer dizer que Schuchardt relaciona, já em 1883, esta interação entre o aspeto gramatical e o carácter semântico do verbo, tão característica dos crioulos atlânticos, com o substrato africano, mais precisamente o wolof, substrato-mor, como entretanto sabemos, do crioulo caboverdiano.¹⁸

Contudo, Schuchardt não se atreve a afirmar que o crioulo caboverdiano se rege pelo mesmo princípio. Antes pelo contrário, afirma: “Quanto ao caboverdiano, considero que tenê, sabê, qu'rê podê são formas mais recentes que, referindo-se ao presente, deveriam ir precedidas de tâ [...] tanto mais que o tâ designa aqui, como noutros lugares, o presente sem mais”.¹⁹ A verdade é que

¹⁶ Com exceção do palenquero, crioulo ibérico de El Palenque de San Basilio, na Colômbia (para pormenores, cf. Gutiérrez Maté 2019).

¹⁷ “Dem port. *Praesens* entspricht nur in sehr wenigen Fällen die einfache Grundform: ê, tên und tenê, stâ, qu'rê, podê und po, in der Regel die durch tâ erweiterte: tâ cantâ, tâ cumê, tâ durmi, tâ pô, tâ lambú.” (manuscrito, p. 7)

¹⁸ Sem conhecer este precedente, relacionei, em 1981 (cf. Lang 1981: 6.3.2), esta interação nos crioulos atlânticos, de forma hipotética, com os seus substratos africanos. Em Lang (2009), descrevi, para o santiaguense e o wolof, este paralelismo crioulo-africano que só recentemente ficou confirmado, de forma espetacular, graças à comparação dos dados do APiCS com os do WALs (cf. Maurer 2013).

¹⁹ “Im Capverdischen halte ich tenê, sabê, qu'rê podê für jüngere Formen die als Präsens mit tâ verbunden werden sollten [...] und zwar um so mehr als ja das tâ hier wie anderswo das

não: no caboverdiano, tenê, sabê, qu'rê podê não deveriam ir precedidos de tâ, quando se referem ao presente, porque tâ não designa neste crioulo o presente sem mais. Lembrando-nos agora das afirmações erradas de Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte, segundo as quais *sabê*, *q're* e *pôdê* são “irregulares” porque “perdem a partícula *tâ* no presente do indicativo” (cf. Costa & Duarte 1886[1967]: 281) e segundo as quais o simples *ê* pode corresponder ao português *foi* (cf. o seu *Quadro dos verbos auxiliares* em Costa & Duarte 1886[1967]: 275), parece claro que foram estas afirmações que impediram Schuchardt de incluir o caboverdiano nos crioulos regidos por este princípio.

Como todos os verbos estativos por excelência, os verbos sabê, q'rê e pôdê não precisam, pois, do *ta* para se referir ao presente. Contudo, ao falar das correspondências crioulas do futuro português, Schuchardt acrescenta o que muitos depois dele se esqueceram de acrescentar: os verbos estativos por excelência precisam do *ta* para remeter de forma unívoca para o futuro: ‘tem’ diz-se el tên, mas ‘terá’ diz-se el tâ tên.

8. Resumo

Acabamos de conhecer um manuscrito inédito de Schuchardt, que sobressai da produção schuchardiana por representar uma tentativa de tratar de forma sistemática e exaustiva toda uma área de um crioulo: a área do verbo no crioulo caboverdiano. Foi sem dúvida a recepção do manuscrito *O crioulo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt*, da autoria de Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte, no verão do ano de 1884, que deu ânimo a Schuchardt para se pôr a redigir este texto, apoiando-se em todos os materiais que até àquela altura reunira sobre o crioulo de Cabo Verde. Enquanto não surgirem outras informações, não sabemos se Schuchardt planeava abarcar de forma análoga ainda outros capítulos da gramática do caboverdiano. Mas pensava certamente acrescentar um parágrafo introdutório²⁰ e talvez outro em que formularia algumas conclusões.

Temos bons motivos para concluir que já há algum tempo Schuchardt tinha deixado – pelo menos provisoriamente – de trabalhar neste texto, quando

Präsens schlechtweg bezeichnet.” (manuscrito, p. 7)

²⁰ Talvez do tipo da introdução a um estudo sobre o crioulo português de Malaca que conserva o *Hugo Schuchardt Archiv* e que também ficou por publicar (cf. Baxter 2019).

da Costa e Duarte publicaram os seus *Breves estudos* em 1886. Esta publicação parece ter-lhe fornecido um pretexto para se livrar de um compromisso com a Academia das Ciências de Viena. A suspensão do trabalho no seu texto, muito anterior, explicar-se-á principalmente por motivos de probidade científica. Schuchardt desconfiava, justificadamente, de muitas das informações que tinha e sentia a falta de outras. Acresce que, além das dificuldades que tinha para se submeter a uma ordem rigorosa, Schuchardt adotara, para a organização da segunda parte do seu ensaio, um critério amplamente difundido na época, mas pouco adequado, facto que nalgumas ocasiões terá roçado a sua consciência.

Independentemente de tais problemas de teoria e estruturação, é forçoso admitir que, se Schuchardt tivesse publicado o seu texto, o seu prestígio teria contribuído para a difusão de alguns erros dos seus informadores. Assim, para mim, a não publicação deste texto dá testemunho, acima de tudo, do alto grau de responsabilidade científica do seu autor. Parece-me que hoje é mais fácil apreciar no seu justo valor as importantes descobertas e valiosas observações que contém e que, lamentavelmente, não puderam fecundar a filologia caboverdiana do século XX.

Referências

- Alexandre, Nélia & Jürgen Lang. 2016. Die Korrespondenz zwischen António J. Ribeiro und Hugo Schuchardt. In Bernhard Hurch (ed.) (2007-). *Hugo Schuchardt Archiv*. Disponível online em <<http://schuchardt.uni-graz.at/id/letters/2512>>.
- Baptista, Marlyse. 2002. *The syntax of Cape Verdean Creole: The Sotavento varieties*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Baptista, Marlyse. 2013a. Cape Verdean creole of Brava. Em Susanne Maria Michaelis, Philippe Maurer, Martin Haspelmath & Magnus Huber (eds.), *The survey of pidgin and creole languages, volume II, Portuguese-based, Spanish-based, and French-based languages*, 12-19. Oxford: Oxford University Press.
- Baptista, Marlyse. 2013b. Cape Verdean Creole of Brava structure dataset. Em Susanne Maria Michaelis, Philippe Maurer, Martin Haspelmath & Magnus Huber (eds.) *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online*. Disponível online em <<http://apics-online.info/apics/contributions/31>>.
- Baptista, Marlyse. 2014. Ecos do passado: traços do português antigo no sistema TMA do kabuverdiano de Santiago. *PAPIA, Revista brasileira de estudos crioulos e similares* 24(1). 113-132.
- Baptista, Maria do Céu dos Santos. 2014. Descrição fonológica da variedade da ilha de Santo Antão. Em Jürgen Lang (ed.), *A variação geográfica do crioulo cabo-verdiano*, 183-250. Erlangen: FAU University Press.
- Baxter, Alan N. 2019. Schuchardt's unfinished study of Malacca Creole Portuguese. Trabalho apresentado no *Encontro Conjunto da associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola e a Summer Conference of the Society for Pidgin and Creole*

- Linguistics*, Lisboa, 17-19 de Junho, 2019.
- Brito, António de Paula Brito. 1887. Apontamentos para a gramática do crioulo que se fala na ilha de Santiago de Cabo Verde. Revisitos por Adolfo Coelho. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* 7(10). 611-669. Reimpressão em: Morais-Barbosa, Jorge (ed.). 1967. *Estudos linguísticos crioulos: reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 329-404. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa.
- Brüser, Martina et al. 2002. *Dicionário do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)*, sob a direção de Jürgen Lang. Tübingen: Narr.
- Cardoso, Eduardo Augusto. 1989. *O Crioulo da ilha de S. Nicolau de Cabo Verde*. Lisboa/Praia: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Instituto Cabo-Verdiano do Livro.
- Coelho, F. Adolfo. 1880. Os dialectos românicos ou neolatinos na África, Ásia e América. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* 2(3). 129-196. Reimpressão em: Morais-Barbosa, Jorge (ed.). 1967. *Estudos linguísticos crioulos: reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1-108. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa.
- Costa, Joaquim Vieira Botelho da Duarte & Custódio José. 1886. O crioulo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* 6(6). 325-388. Reimpressão em: Morais-Barbosa, Jorge (ed.). 1967. *Estudos linguísticos crioulos: reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 235-328. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa.
- Dryer, Matthew S. & Martin Haspelmath (eds.). 2013. *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. Disponível online em <<http://wals.info>>.
- Gutiérrez Maté, Miguel. 2019. Aspectualidad completiva en el criollo Palenquero. Trabalho apresentado no *Encontro Conjunto da associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola e a Summer Conference of the Society for Pidgin and Creole Linguistics*, Lisboa, 17-19 de Junho, 2019.
- Lang, Jürgen. 1981. Was ist Kreolisierung?. Em: Brigitte Schlieben-Lange (ed.), *Logos semantikos: Studia linguistica in honorem Eugenio Coseriu (1921-1981)*. Vol. 5. 197-209. Berlin/Madrid: de Gruyter/Gredos.
- Lang, Jürgen. 2001. Breve esboço da gramática do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde). *Santa Barbara Portuguese Studies* 5. 228-254.
- Lang, Jürgen. 2009. *Les langues des autres dans la créolisation. Théorie et exemplification par le créole d'empreinte wolof à l'île Santiago du Cap Vert*. Tübingen: Narr.
- Lang, Jürgen. 2013a. Cape Verdean creole of Santiago. Susanne Maria Michaelis, Philippe Maurer, Martin Haspelmath & Magnus Huber (eds.), *The survey of pidgin and creole languages, volume II, Portuguese-based, Spanish-based, and French-based languages*, 3-11. Oxford: Oxford University Press.
- Lang, Jürgen. 2013b. Cape Verdean creole of Santiago structure dataset. Em Susanne Maria Michaelis, Philippe Maurer, Martin Haspelmath & Magnus Huber (eds.) *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online*. Disponível online em <<http://apics-online.info/apics/contributions/30>>.
- Lang, Jürgen. 2014. Esboço de uma geografia linguística do crioulo caboverdiano. Em Jürgen Lang (ed.), *A variação geográfica do crioulo cabo-verdiano*, 253-297. Erlangen: FAU University Press.
- Lang, Jürgen. 2017. António Joaquim Ribeiro - o primeiro informante de Schuchardt em Cabo

- Verde. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola* 7. 1-14. Disponível online em <<http://www.acblpe.com/revista/volume-7-2017>>.
- Lang, Jürgen. 2018. *Gramática do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)* (trabalho em preparação). Disponível online em <<https://opus4.kobv.de/opus4-fau/frontdoor/index/index/start/1/rows/20/sortfield/score/sortorder/desc/searchtype/simple/query/Gram%C3%A1tica/docId/9898>>.
- Lopes, Raimundo Tavares. 2014. Descrição isocrónica contrastiva das variedades das ilhas do Fogo e de Santiago. Em Jürgen Lang (ed.), *A variação geográfica do crioulo cabo-verdiano*, 27-95. Erlangen: FAU University Press.
- Maurer, Philippe and the APiCS Consortium. 2013. Present reference of stative verbs and past perfective reference of dynamic verbs. Em Susanne Maria Michaelis, Philippe Maurer, Martin Haspelmath & Magnus Huber (eds.). *The atlas of pidgin and creole language structures*. Oxford: Oxford University Press. Disponível online em <<https://apics-online.info/parameters/51.chapter.html>>.
- Michaelis, Susanne Maria, Philippe Maurer, Martin Haspelmath & Magnus Huber (eds.). 2013. *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. Disponível online em <<http://apics-online.info>>.
- Moreira, Ana Karina Tavares. 2014. Descrição da variedade da ilha do Maio. Em Jürgen Lang (ed.), *A variação geográfica do crioulo cabo-verdiano*, 99-180. Erlangen: FAU University Press.
- Ploog, Katja. 2015. Le ‘Negerportugiesisch’ de H. Schuchardt et la dynamique des langues. *Études Créoles* 33(2). 65-95.
- Quint, Nicolas. 2000. *Grammaire de la langue cap-verdienne. Étude descriptive et compréhensive du créole afro-portugais des îles du Cap-Vert*. Paris: L’Harmattan.
- Spitzer, Leo (ed.). 1928[1976]. *Hugo Schuchardt – Brevier. Ein Vademecum der allgemeinen Sprachwissenschaft*. Reimpressão da segunda edição (Halle 1928). Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- Schuchardt, Hugo. 1881. Resenha de C. Baissac, *Étude sur le créole mauricien* (1880) e F. Adolpho Coelho, *Os dialectos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América* (1880). *Zeitschrift für romanische Philologie* 5. 580-581.
- Schuchardt, Hugo. 1882a. Kreolische Studien I. Ueber das Negerportugiesische von S. Thomé (Westafrika). *Sitzungsberichte der philosophisch-historischen Classe der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften, Wien* 101. 889-917.
- Schuchardt, Hugo. 1882b. Kreolische Studien II. Ueber das Indoportugiesische von Cochín. *Sitzungsberichte der philosophisch-historischen Classe der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften, Wien* 102. 799-816.
- Schuchardt, Hugo. 1883a. Resenha de Lucien Adam, *Les idiomes négro-aryen et maléo-aryen. Essai d’hybridologie linguistique* (1883). *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie* 4. 236-240.
- Schuchardt, Hugo. 1883b. Kreolische Studien III. Ueber das Indoportugiesische von Diu. *Sitzungsberichte der philosophisch-historischen Classe der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften, Wien* 103. 3-17.
- Schuchardt, Hugo. 1887. Resenha de Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte, *O creôlo de Cabo Verde. Breves Estudos sobre o creôlo das ilhas de Cabo Verde, offerecidos ao dr. Hugo Schuchardt* (1886). *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie* 8. 132-141.
- Schuchardt, Hugo. 1888. Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch III, Zum Negerportugiesischen der Kapverden. *Zeitschrift für romanische Philologie* 12. 312-322.

- Schuchardt, Hugo. 1889. Resenha de A. de Paula Brito, *Apontamentos para a grammatica do crioulo que se falla na ilha de S. Thiago de Cabo Verde* (1887). *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie* 10. 452-458.
- Swolkien, Dominika. 2013a. Cape Verdean creole of São Vicente. Em Susanne Maria Michaelis, Philippe Maurer, Martin Haspelmath & Magnus Huber (eds.), *The survey of pidgin and creole languages, volume II, Portuguese-based, Spanish-based, and French-based languages*, 20-30. Oxford: Oxford University Press.
- Swolkien, Dominika. 2013b. Cape Verdean Creole of São Vicente structure dataset. Em Susanne Maria Michaelis, Philippe Maurer, Martin Haspelmath & Magnus Huber (eds.) *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online*. Disponível online em <<http://apics-online.info/apics/contributions/32>>.
- Swolkien, Dominika. 2015. *The Cape Verdean creole of São Vicente: Its genesis and structure*. Coimbra: Tese de doutoramento da Universidade de Coimbra.
- Veiga, Manuel. 1982. *Diskrison Strutural di Lingua Kabuverdianu*. Praia: Institutu Kabuverdianu di Livru.
- Wolf, Michaela. 1993. *Hugo Schuchardt Nachlaß. Schlüssel zum Nachlaß des Linguisten und Romanisten Hugo Schuchardt (1842-1927)*. Graz: Leykam.

ANEXO

Manuscrito de Hugo Schuchardt sobre o verbo no crioulo caboverdiano

O seguinte manuscrito de 5 folhas = 10 páginas conserva-se no *Hugo Schuchardt Archiv* de Graz (Áustria), na secção *Werkmanuskripte*. Forma parte da pasta 11.23.10.2, que, segundo Michaela Wolf (1993: 581), contém “28 Blatt. Vorarbeiten ad P 209” (‘28 folhas. Trabalhos preparatórios para P 209’). P 209 remete para: Schuchardt, Hugo (1888), o artigo intitulado “Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch, III. Zum Negerportugiesischen der Kapverden”. A pasta 11.23.10.2 forma parte da pasta 11.23.10., *Kapverden*.

Autor do manuscrito: Hugo Schuchardt

Lugar de redação: Graz

Data da redação: Outono de 1884

Transcrição: Jürgen Lang

1. Transcrição

Nota do transcritor: No manuscrito, há uma parte que surge com duas versões. Schuchardt trata primeiro do infinitivo, da terceira pessoa do presente do indicativo e do imperfeito do indicativo. Chegado ao fim do terceiro ponto, reescreve tudo a partir do início do segundo ponto (a que agora chama *Praesens*), remetendo para publicações próprias que, aparentemente, momentaneamente não tinha tido à mão. Prossegue depois, tratando das outras formas. A nossa transcrição conserva todas as quebras de página e de linha e todos os destaques do original, omitindo, porém, os trechos riscados *a posteriori* pelo próprio autor e algumas notas escritas a lápis nas margens superiores e inferiores das páginas, difíceis de decifrar e de interpretar. Em total, o ms. abrange 5 folhas r^o e v^o, e a passagem que posteriormente será reescrita por Schuchardt forma a página 1 v^o. A numeração das páginas da nossa transcrição baseia-se na ordem por nós reconstruída. /2/ = passagem da página 1 à página 2, etc. As observações do transcritor vão entre parênteses do tipo {...}. Segue-se a transcrição:

Von den organischen Formen des Portugiesischen welche im Capverdischen erhalten sind, ist an erster Stelle der Infinitiv zu nennen welcher hier wie überhaupt im Kreolischen fast immer, die verbale Grundform abgibt. Die betonten Endvocale (cantâ, kumê, durmî) werden insofern noch als formale Elemente geführt als sie, wenigstens –â und –î, in ganz entsprechender Weise wie im Romanischen selbst, auf Neubildungen und Entlehnungen übertragen werden. Allerdings finden sich nach einem bekannten kreolischen Princip, Nomina ohne jede Veränderung in verbaler Funktion, z.B. in mêd el (Sot.), in brigônha (Sot.), jam' contente (Sot.) "estimo muito" was im Mautitianischen mo pêr li, mo honté, mo content [z.B. toi, "ich liebe dich" } heissen würde, aber soviel ich vermüthe nehmen sie im Capverdischen nicht die verbalen Präfixe und Suffixe an, wie ja in der That nicht gesagt wird ja'm tâ contente (wohl aber ja'm stâ contente), in tâ birgônha (wohl aber in ten birgônha). Anders ist es mit mestê (mister), dessen Endung es mit den E-verben gleich setzte; vgl. z.B. s'el embarcâ ê pamôde el mestêba gânhâ sê bi[da.] /2/

2) {unleserlich} ist in einigen Fällen, nämlich bei ausserordentlich häufig gebrauchten Verben, die 3.P.Praes.Ind. als Kreolische Grundform verwendet worden: hâ oder bai, bên, ê, tên (aber Sot. daneben tenê). Aber die von Coelho S. 15 angeführten Formen (êl tâ) lêba, en (péga), (en tâ) biro, (in)xinto erregen mein grösstes Bedenken; die Personalendung der beiden letzten ist in reinem Kreolisch geradezu unglücklich. Nur als Hülfswort hat sich ha erhalten; das als solches dienende stâ, tâ halte ich eher für está als für estar.

Der Indicativ des Imperfectums zeigt sich nur bei den a-Verben rein: cantaba; bei den anderen ist es umgebildet worden – comêba, dormiba, pôba, lambuba. Man bemerke hâba, bêmba, têmba (neben tenêba). Verschiedene portugiesische Imperfecta ausserhalb der a-classe haben sich erhalten: binha (neben bêmba), tinha (Barl. ausschliesslich, Sot. neben têmba, tenêba), era, podia (S.A., S.N.), sabia (S.A., B.V.), q'ria (S.A.). Neben staba findet sich ein zusammengezogenes stá (von stâ zu unterscheiden). Der Analogie der Imperfectumbildung folgt der Conditionalis seria indem er zu serba (Sot.) wird./3/

Des Praesens (3.S.Ind.) muss zunächst gedacht werden; denn unter seinen wenigen Trümmern erscheinen einige als Grundformen: hâ oder bai (santhom. bá, bé) und bên, nicht i und bi (santhom. bi). Ferner tên, welches aber nur in Barl. allein herrscht, in Sot. tenê neben sich hat. Ê ist überall durch ser, sê beschränkt. Für die in anderen kreolischen Idiomen beliebten pode (auch santhom. pô), quer, sabe gilt hier pôdê, q'rê, sabê; mi ne pôde steht in der Parabel von S.A., in derselben zwar gente en tâ podê, aber da jener Fall sich von diesem noch durch das Fehlen des tâ unterscheidet, so ist doch wohl an keinen Schreibfehler zu denken. Die Negation zieht auch anderswo (Kreol. Stud. II, 16 Anm.) bei dem unmit-

telbar folgenden Verbum die Form des Praesens vor. Die von Coelho angeführten Formen (el tâ) lêba, (en) pêga, (en ta) biro, (in) xinto kommen mir sehr bedenklich, die beiden letzteren, wegen der Personalendung, geradezu unglaublich vor; es werden portugiesische, dem reinen Kreolisch fremde Formen sein. Nur als Verbalpartikel existiert ha; sonst havê, habê, havi (S.A.), bê (S.N., B.V.). Stâ, tâ vor dem Verbum ist vermuthlich ebenfalls das Praesens, nicht der Infinitiv, obwohl es sich nicht streng beweisen lässt. Zwei Präsensformen dauern als Adjectiva fort: sâbe "gut" (eig. "es schmeckt"), fêde, "schlecht" (eig. "es stinkt"). Man sagt nicht etwa bloss: ês cumida ê sâbe (C.) und chêrá fêde (C.)*, sondern auch el fazê-l muto sâbe (Sot.) er behandelte ihn sehr gut" und el flâ-l fêde (Sot.) "er sagte ihm böse Worte". Für fazê heisst es auf Fogo faê, fê, was aus jenem zusammengezogen sein kann. Haben wir aber hier vielmehr eine präsentische Form (gal. fai = faz) vor uns? Auch das Santhomensische kennt fê (für fez und faça) neben fagi. Daher ist es sogar möglich an das Perfectum zu denken; nur seine Verwendung als Grundform wäre befremdlich, es existiert im Capverdischen noch von ein paar der gewöhnlichsten Verben. /4/

*) Coelho schreibt fêde und sâbe, sâbe.

tebe tibe tive, stebe, stibe stive, foi fo (Barl.), sûbe (S.N.).

Als Formen des Conj. Futurums werden angeführt: tiber (Sot.)

fôr (Barl. Sot.), stiver (Sot.).

Schliesslich sind diejenigen portugiesischen Formen aufzuzählen welche das Capverdische nicht nur durchgängig erhalten, sondern zum Theil auch durch Ableitung aus der eigenen Grundform verjüngt hat.

Der Indicativ des Imperfectums bleibt nur bei den

A-Verben in portugiesischer Gestalt: cantaba; für staba auch stá (Barl.).

Analogisch: comêba, dormiba, pôba, lambuba, bâba, bêmba, têmba (so neben

tenêba Sot.). Aber für das letzte findet sich in Sot. (und zwar auf Fogo) auch

tinha und nur dies in Barl.; andere portugiesischen Imperfectformen sind im

Capverdischen: era, binha (neben bêmba), podia (S.A., S.N.), q'ria (S.A.), sabia

(S.A., B.V.). Da der Conditionalis denselben Ausgang hat wie das Imper-

fectum der E= und I=verba, so ist es nicht wunderbar dass aus seria gewor-

den ist: serba (Sot.).

Der Conjunctiv des Imperfectums zeigt im Portugiesischen dem

Infinitiv gegenüber im Allgemeinen ein gleichmässiges Ver-

halten, sodass im Capverdischen nur bei den starken Formen ein Anlass zur Umbildung gegeben war:

cantasse, cumêsse dormisse, so auch lambusse (mein Paradigma gibt

lambussí Sot., lambussê Barl., was ich nicht verstehe) - pôsse (port. pusesse), bêsse,

(port. visse). Hingegen: fosse fuesse (Barl.), tebesse tevesse (Barl.), stebesse stevesse

(Barl.).

Das Gerundium verhält sich ähnlich wie der Conj. Imp.: cantando

cumendo, dormindo, pondo, so auch lambundo - bando. Hingegen

bindo vindo (nicht bêndo). Tendo lässt sich als port. tendo oder als

tên-ndo auffassen.

Für das Participium des Passivs gibt zwar mein Paradigma die mit /5/

den portugiesischen übereinstimmenden Formen: cantado, cumido, dormido. Aber es wird angemerkt dass das Participium der E=verba in Sot. zuweilen auf -êdo statt auf -ido endige, also comêdo. Dies scheint mir die echt kreolische Form zu sein (auch Coelho hat screbêdo); vielleicht zieht aber das eine Verbum diese, das andere jene vor, so lese ich in der Parabel von S.Th. q'rêdo neben perdido (dieses auch Br., S.A., S.N., B.V.). Für Barl. werden statt der Partizipien auf -êdo solche auf -esto namhaft gemacht: cumesto. Aber comesto ist altportugiesisch, lassen sich noch andere Formen derart nachweisen, so haben wir es mit derselben analogischen Ausbreitung zu thun wie wir sie im Venetischen finden. Weitere Neubildungen: bâdo, podô (Sot.) pudo (Barl.), lambudo. Alte Formen: fêto. Der Gebrauch dieser portugiesischen und portugiesierenden Formen des Capverdischen ist nun weit davon entfernt sich vollständig mit dem in der Grundsprache herrschenden zu decken. Wir werden demnach die einzelnen portugiesischen Tempora und Modi noch einmal durchgehen um die functionellen Correspondenten im Capverdischen festzustellen, wobei denn auch der Ursprung und der Werth der vorgesetzten Hülfspartikeln erörtert werden wird. Syntax und Morphologie lassen sich nicht streng trennen. Im Gerundium und Part. Pass. stimmt das Capverdische mit dem Portugiesischen überein; nur scheint jenes nicht echt kreolisch sein, es wird ausdrücklich sowohl für Sot. als Barl. als selten bezeichnet; statt em bu cantando ziehe man es vor zu sagen: ó que bu cantâ. Die nicht absolute, d.h. die abhängige, bedingte oder gewollte Gegenwart und Zukunft also der port. Infinitiv, Imperativ, Conjunctiv des Praesens und des Futurums wird durch die capverdische Grundform ausgedrückt, welche wie gesagt fast immer der Infinitiv ist. Nur in ein paar Fällen ersetzt diesen das Präsens. Ê und ser sind ihren grammatischen Functionen nach getrennt; es heisst: {Lücke} /6/

Hingegen besteht zwischen tên und tênê nur ein Unterschied der innern Bedeutung; jenes ist das allgemein gebräuchliche, dieses wird nur grösseren Nachdrucks halber gebraucht, insbesondere wo es sich um eine fremde Sache oder um einen bestimmten Ort handelt z.B. el ê qui tênê brinco di nhâ "sie hat Ihre Schmucksachen", el tênê dinhêro rib'al mêza (F.). Für port. tiver, fôr, estiver werden neben tên (Sot.), sên (Sot.) stâ (Barl.) auch angeführt die mit jenen sich deckenden Formen. – Bezüglich des Infinitivs ist eine Anmerkung zu machen. In unseren Sprachen gilt der einfache Infinitiv auch mit für die Vergangenheit, wenn die Zeit mit der des regierenden Verbums übereinstimmt. Da aber im Kreolischen durch die Beseitigung der Personalformen der Infinitiv mit dem Verbum finitum zusammenfällt (also me sabê lê wörtlich ebenso gut "ich kann dass ich lese" als "ich kann lesen" wiederzugeben wäre), so wäre es nicht wunderbar dass dafür der Unterschied zwischen Vergangenheit und Gegenwart lebendig würde; doch weiss ich nicht ob das el podê tinha von F. welches dem dem el podia tên von S.A. gegenüber steht, so zu erklären ist. Wahrscheinlicher wird hier in Folge inniger Verschmelzung

des podê mit dem davon abhängigen Verbum eine ähnliche Erscheinung vorliegen wie sie uns in dem gleichbedeutenden curazol. por a {unterstrichene Lücke} entgegentritt. Auch Coelho¹ S. 5 hat: en podê flába, "ich könnte sagen"; und an jener Stelle der Parabel bei Ribeiro: quê al ben ardába (für quê al benba ardá).

Auch für das portugiesische Perfectum, das einfache wie das zusammengesetzte (cantou - tem cantado) wird die Grundform verwandt; doch nicht sêr, sondern ê (und zwar nur in Sot.). Neben ê steht in Sot. die Imperfectform era (Sot) und ebenso werden tenba und ("no creolo rachado") staba von Coelho auch mit perfectivischer Bedeutung angeführt.

Die Perfecta welche formell mit den portugiesischen identisch sind (s. oben {Lücke}), gehören also wohl nicht dem ächten Kreolisch an. /7/

Dem port. Praesens entspricht nur in sehr wenigen Fällen die einfache Grundform:

ê, tên und tenê, stâ, sabê, qu'rê, podê und po, in der Regel die durch tâ erweiterte: tâ cantâ, tâ cumê, tâ durmi, tâ pô, tâ lambú. Dieses tâ welches als Präsenzzeichen überall im spanischen und portugiesischen Kreolisch vorkommt, ist aus esta entstanden was meinen Gewährsmännern merkwürdiger Weise verborgen geblieben ist; ta kommt ja so in Mundarten der Pyrenäenhalbinsel selbst vor. Tâ cantâ ist eigentlich = está a cantar oder está cantando. Es handelt sich hier ursprünglich um jenen allgemein kreolischen Gegensatz der dauernden zur aoristischen Handlung ("Ausland" 1982 S. 867; Literaturblatt für g. und r. Ph. 1883 S. 238 f.)

der sich auch zwischen den verschiedenen Verben zu erkennen gibt. Jene Verba aber die ihrer innern Natur nach einer besonderen Bezeichnung für den dauernden Zustand nicht bedürfen, erscheinen fast überall in präsentischer Form z.B. trin. mart. pé, curaz. por, {Lücke} trin. mart. sa, cur. {Lücke}

aber guy. pouvê, savê. Im Capverdischen halte ich tenê, sabê, qu'rê podê für jüngere Formen die als Präsens mit tâ verbunden werden sollten (en podê ist nur eine hybride Bildung zwischen en po und en ta pode) und zwar um so mehr als ja das tâ hier wie anderswo das Präsens schlechtweg bezeichnet. Oder sogar das nicht durative, denn für das durative Präsens (está cantando) existirt ein besonderer Ausdruck Derselbe ist aber mit dem selben Mittel

aus dem kreolischen Präsens hergeleitet worden wie dieses aus der Kreolischen Grundform, mit anderen Worten er gibt ein port. está está a cantar wieder.

Das erste está tritt dialectisch noch als stâ auf, besonders wenn ein Wort dazwischen steht (z.B. mi stâ li tâ morrê, mi stâ so ta disdangu (unmittelbar vorher sa ta roga) el stâ tâ bên de longe (ohne Angabe der Provenienz).

Meistens ist jedoch sâ daraus geworden, wofür ich schon Kreol. Stud. I, 24 zahlreiche Beispiele gegeben habe. Für sâ tâ findet sich aber auch s'tâ: in s'tâ bai neben in sâ tâ bai, wenn man nicht etwa hier an die Verbindung nur eines está mit der Grundform denken will /8/

Es ist somit die a.a.O. ausgesprochene Möglichkeit dass dies sâ das port. são sei, auch für das Santhomensische vollständig beseitigt; und nicht nur

ist ê scâ flâ = ê sâ câ flâ und dies
= ê stâ câ flâ zu setzen wie capv. ê s'tâ flâ = ê sâ tâ flâ = ê stâ tâ flâ,
auch in dem nicht mit câ verbundenen sâ "ist"
möchte ich lieber está als são erblicken. Im Negerfranzösischen von
Guyenne wird das sa welches als Copula dient, von A. von St Quentin
völlig vom Demonstrativum geschieden, und wer diese Trennung zu einer
etymologischen macht, der könnte allerdings an sont denken. Aber
u sa soda ist doch sicher vous ça soldat; und so kann ja auch die
Unterscheidung zwischen to papa ké to maman té-sa nèg und
to papa ké to maman ? sa té nèg nicht als eine ursprüngliche ge-
fasst werden.

Das port. Futurum Ind. wird:

a) auf die gleiche Weise wie das Präsens wiedergegeben: tâ cantâ
u.s.w., nur dass dieses tâ auch bei jenen Verben eintritt welche es
im Praesens nicht haben (z.B. el tèn, "er hat", el tâ tèn, "er wird haben";
man bemerke tâ ser). Wir können hier jene so allgemeine Identifizierung
zwischen Praesens und Futurum voraussetzen, thun aber vielleicht, mit Hinblick
auf die allerdings nicht zahlreichen Differenzfälle, besser in dem tâ cantâ den
Reflex eines port. está para cantar oder por cantar zu suchen.

b) durch Vorsetzung von al (Sot.), a (Barl.) d.i. port ha de vor die Grundform
al cantâ oder a cantâ u.s.w.

Dem port. Imperfectum Ind. sollten wir die kreolische Imperfectform alter
wie neuer Bildung gegenüber zu finden erwarten. Dies ist aber nur
bei wenigen Verben der Fall; so tinha temba teneba, éra, staba, stava sta, podeba
podia, und den anderen alten Imperfecten der E-conjugation der Fall. Das /9/

Regelrechte ist die Verbindung der Imperfectform mit ta z. tâ cantaba,
tâ cumêba u.s.w.; es wird gleichsam das Imperfect aus dem Praesens
durch Anfügung von -ba abgeleitet, dem dann einfach präteritale Bedeu-
tung zukommt. Nach vollständig der gleichen Methode ist der Neger im
Französischen verfahren: zum Praesens ca chanté lautet das Imperfectum
té ca chanté. Auf S. Antão vertritt ein vorgesetztes sta {?} d.i. staba die Stelle von -ba: stâ
tâ cantâ u.s.w., (Coelho S. 5 en staba tâ flâ, "estava dizendo) ich habe schon früher bemerkt dass
hierzu genau das curazol. Imperfectum: taba-ta cantá stimmt. Übrige-
gens finde ich auch tâ tâ podê und tâ tâ passâ (S.A.), sowie ausser-
halb dieser Insel staba tâ passâ (B.), tâ tâ tèn (S.N.). Es fällt das
auf diese Weise gebildete Imperfectum mit dem durativen Praesens
zusammen, oder vielmehr wir haben es zum Theil wirklich mit letzterem (indem
auch das erste tâ = está ist) zu thun wie es ja denn wenn überhaupt einmal die Zeit
bestimmt ist nicht weiter auf die Scheidung von Praesens und Präteritum, sondern
nur auf die von Durativ und Aorist ankommt. Im Santhomensischen dient
sca (escá) der Darstellung sowohl des Imperfects als des durativen Praesens.
Das Imperfectum Conj. tritt in gleicher Gestalt im Capverdischen
wie im Portugiesischen auf; doch scheint mir diese Form nicht sehr
beliebt bei den Kreolen.

Wenn im Capverdischen das Futurum dem Praesens gleich ist, so kann es nicht
Wunder nehmen dass hier auch der Conditionalis den
gleichen Ausdruck findet wie das Imperfectum: ta cantaba u.s.w.

Für S.A. wird statt dessen tá cantâ u.s.w. angeführt, welches Futurum sein würde. So auch tá tēn (Barl.) für tâ temba (Sot.). Bemerkenswert ist tâ serba (Sot.), tâ seria (Barl.).

Das Conditionalis Praet. wird in Sot ebenfalls aus dem Imperfectum abgeleitet, aber mit Vorsetzung von al (al /10/

cantaba, al temba, al serba. Man sieht nicht recht ein worauf die Verschiedenheit der Functionen von tâ und âl beruht. In Barl. sagt man statt dessen taba (tava S.A.) cantâ, taba tēn, tava sê. und das steht in Einklang zu der Bildung des präsentischen Conditionals auf S.A. _ Trotz der ausdrücklichen Angaben meiner Gewährsmänner bin ich doch nicht ganz sicher ob diese Bildungen dem port. teria cantado und nicht cantaria entsprechen.

Ausserdem kommen noch portugiesische zusammengesetzte Formen in portugiesischem Sinne vor, wie eu ten sido (Coelho ¹ im Paradigma S. 15), tembâ largado {Lücke}, tinha recebêdo {Lücke} temba feto {Lücke}, temba bandonado {Lücke}, tinha fecado {Lücke} tenha feito {Lücke}

Auffällig sind Ansätze zu passiver Conjugation: flâdo "man sagt" (1, 24 Coelho 1, 7,7), es cusa tâ flâdo ? Tâ "sagt man das? ja".

Ûn dado "sie haben mir gegeben" 1,10 ê bá pidí
ê dado un cabo "er ging bitten man möchte ihm einen Platz geben" Par. Rib.

{über "... Conjugation: flâdo ..." hinzugefügt: }

tâ bâdu man geht Sp, 47. câ tâ criado "man zieht nicht" 60{?}, 69 tâ pegado man erwischt 99.

{über "... 7,7), es cusa ..." hinzugefügt: } "wie man sagt" 1,25

[M. 23.10.2.]

2) stā ist in einigen Fällen, nämlich bei ausserordentlich häufig gebrauchten Verben, die 3. Pers. Ind. als kreolische Grundform verwendet worden; bā oder bai, bên, ê, tên (aber Sot. daneben tenê). Aber die von Coelho ^{S. 15} angeführten Formen (ê tâ) lêba, (en) pêga, (en tâ) biro, (in) xinto erregen mein grösstes Bedenken; die Personalendung der beiden letzten ^{ist} ~~ist~~ in reinem Kreolisch geradezu ungläublich. Nur als Hilfswort hat sich ka erhalten; das als solches dienende stā, tā habe ich eher für estā als für estār.

Der ^{Indicatio des} Imperfectivums zeigt sich rein nur bei den a-verben: cantaba; bei den andern ist es umgebildet worden. comêba, dormiba, pôba, lambuba. Man bemerke lāba, têmba, têmba (neben tenêba). Verschiedene portugiesische Imperfecta ausserhalb der a-classen haben sich erhalten: tinha (neben têmba), tinha (Portug. ausschliesslich; Sot. neben têmba, tenêba), era, podia (S. A., S. N.), sabia (S. A., B. N.), grā (S. A.). Neben estaba findet sich eine zusammengesetzte stā (von stā zu unterscheiden). Der Analogie der Imperfectivumbildung folgt der Conditionalis seria indem er zu serba (Sot.) wird.

Des Präsens ^(3. S. Ind.) finis zunächst gedacht werden; denn ~~abwskt~~ ~~er~~ ~~reiser~~
~~im~~ ~~schon~~ ~~unigen~~ ~~Fällen~~ unter seinen wenigen Trümmern erscheinen einige
 als Grundformen: bä oder bai (santhom. bé, bé') und bém, nicht i und
bi (santhom. bi). Ferner tén, welches aber nur in Parl. allein herrscht, in
 Tot. tené neben sich hat. É ist überall durch ser:é beschränkt. Tin die
 in andern kreolischen Idiomen beliebten grade (auch santhom. pó), quer,
sabe ^{gult} ~~früher~~ ~~ich~~ ~~hier~~ ~~hine~~ ~~gute~~ ~~schlechte~~ ~~ist~~ ~~ni~~ ~~ne~~ ~~fiode~~ (in der Parabel
 von S. A., ~~aber~~ in denselben ^{aus} gente en tá pódé ~~aber~~ da genc ^{steht} ~~sich~~ ~~noch~~
 durch das Fehlen des tá unterscheidet, so ist doch wohl an keinen Schreib-
 Fehler zu denken. Die Negation lé ^{andriwo} ~~noch~~ (Theol. Stud. II, 16 Anm.) ^{bei Dem} ~~summt-~~
~~selbar~~ folgenden Verbum in der Form des Präsens vor. Die von Coeths angeführten
 Formen (el tá) séla, (en) péga, (en tá) lizo (in) xinto kommen mir sehr bedenk-
 lich, die beiden letzteren, wegen der Personalendung, geradezu unglaublich vor;
 es werden portugiesische, dem reinen Kreolisch fremde Formen sein. Nur
 als Verbalpartikel existirt ta; sonst halé, habé, havi (S. A.), bé (S. N., B. V.).
Stá, tá vor dem Verbum ist vermutlich ebenfalls das Präsens, nicht der
 Infinitiv, obwohl es sich nicht streng beweisen lässt. Zwei Präsensformen
 dauern als Adjectiva fort: sábe "gut" (eig. "es schmeckt"), féde "schlecht"
 (eig. "es stinkt"). Man sagt nicht etwa bloss: Seu é cumida é sábe (C)
 und chêra féde (C), sondern auch el flá-l mutto sábe (Tot.) "er bekan-
 delte ihm sehr gut" und el flá-l féde (Tot.) "er sagte ihm böse Worte."
 Neben faxé ^{heißt es} ~~kommt~~ auf Fogo faé, fé ^{was aus faé féde zusammengesetzt sein kann.} ~~haben wir~~ ~~hier~~ ~~noch~~ ~~ein~~
 präteritische Form (gal. fai = faz) vor uns? Auch das Santhomensische
 kennt fé (für fer und face) neben fagi. Daher ist es sogar möglich
 an das Perfectum zu denken; nur seine Verwendung als Grundform wäre
 befremdlich, es existirt im Capoverdian noch von ein paar der gewöhnlichen Verba.

* Coeths schreibt fede und sábe, sábe.

tebe tibe tive, stebe, stibe stive, foi fo (Barl.), sübe (S.N.).

Alle Formen des Conj. Futurum werden angeführt: tiber (Sot.)

för (Barl. Sot.), for (Sot.), stiver (Sot.).

3. Schließlich sind diejenigen portugiesischen Formen aufzuzählen welche das Capverdische nicht nur durchgängig erhalten, sondern zum Teil auch in dem schon angedeuteten ^{ausgesprochenen} Grade verjüngt hat.

Die Imperfectum Indicativus des Imperfectum bleibt nur bei den Präverben in portugiesischer Gestalt: cantaba; ~~est~~ für staba auch stä (Barl.). Analogisch: comêba, dormiba, pôba, lambuba, bäba, têmba, têmba (so neben tenêba Sot.). Aber für das letzte findet sich in Sot. (und zwar auf Fogo) auch tinha und nur dies in Barl.; andere portugiesischen Imperfectformen sind im Capverdischen: era, birha (neben têmba), podia (S.A., S.N.), q'ria (S.A.), sabia (S.A., B.V.). Da der Conditionalis denselben Ausgang hat wie das Imperfectum der 2. und 3. verba, so ist es nicht wunderbar dass aus serba geworden ist: serba (Sot.)

Das port. Coniunctivus des Imperfectum zeigt ^{in Portugiesischen} ~~analogische~~ dem Infinitiv gegenüber ^{im Allgemeinen} ~~bestimmte~~ ^{ähnliche} ~~Verhältnisse~~ ein gleichmäßiges Verhalten, sodass ^{in Capverdischen} ~~kein~~ ^{ein} Anlass zur Umbildung gegeben war: cantasse, dormisse, pôsse, so auch lambusse (mein Paradigma gibt lambussi Sot., lambussê Barl., was ich nicht verstehe) — pösse (^(port. pôsse) bêsse), ^(port. visse) fösse ^(port. fuisse) fuisse (Barl.), tebisse tevisse (Barl.), stebisse stevisse (Barl.)

Das Gerundium verhält sich ähnlich wie der Conj. Imp.: cantando cumendo, dormindo, pondo, so auch lambundo — lando. Hingegen bindo vindo (nicht têndo). Tendo lässt sich als port. tendo oder als tên-ndo auffassen.

Für das Participium des Passivus gibt zwar mein Paradigma da mit.

den portugiesischen übereinstimmenden Formen: cantado, comido, dormido, ^{aber} ~~es wird~~ ^{aber} ~~angemerkt~~ ^{daß} das Particium ^{des 3. Verbs} in Sot. zuweilen auf -edo statt auf -ido endige, also comedo. Dies scheint mir die echt kreolische Form zu sein (auch Coelho hat scribêdo); vielleicht nicht ^{aber} (das eine Verbum diese, das andere jene vor, so lese ich in der Parabel von Ath. q' rêdo neben percido (~~hier~~, auch Text Br., S. A., S. N., B. V.). Für Parl. werden statt der Participien auf -edo solche auf -esto namhaft gemacht: comesto. ~~Nur nehmen also hier ganz dieselbe Ausbreitung ohne nur durch wenige Formen vertretenen Participialbildung (Sopport) haben wir es mit derselben analogischen Ausbreitung zu thun wie wir sie im Venetischen finden. (Neu-
Bildungen: bãdo, podo (Sot.) pudo (Parl.), lambudo. Alte Formen: fêto.~~

Der Gebrauch dieser portugiesischen und portugiesirenden Formen der Capverdischen ^{ist wohl viel älter} ~~deckt sich nicht vollständig~~ ^{zu denken} mit dem in der Grundsprache herrschendem. Wir werden demnach die einzelnen portugiesischen Tempora und Modi noch einmal durchgehen um ihre functionellen Correspondenten den Capverdischen festzustellen, wobei denn auch der Ursprung ~~und~~ der Werth der vorgesetzten Hülfpartikeln erörtert werden wird. Syntax und Morphologie lassen sich nicht streng trennen.

Im Gerundium und Part. Pass. stimmt das Capverdische mit dem Portugiesischen überein; nur ~~haben~~ ^{scheint} jenes nicht für echt kreolisch sein, es wird ausdrücklich sowohl für Sot. als Parl. als selten bezeichnet; statt em bu cantando riehe man es vor zu sagen: ô que bu cantã.

Die nicht absolute, d. h. die abhängige, bedingte oder gewollte Gegenwart, also ^{und Zukunft} du port. Infinitiv Imperativ Coniunctiv des Praesens und des Futurums wird durch die Capverdische Grundform den Infinitiv ausgedrückt, welche wie gesagt fast immer der Infinitiv ist. Nur in ein paar Fällen ersetzt diesen das Praesens. Ê und ser sind ihren grammatischen Functionen nach gekannt; es heisst:

[] Hingegen besteht zwischen tên und tênê nur ein Unterschied der innern
 Bedeutung; jenes ist das allgemein gebräuchliche, dieses wird nur grösseren
 Nachdrucks halber gebraucht, insbesondere wo es sich um ~~den Ort~~ ^{einige fremde}
 Sache oder um einen bestimmten Ort handelt z. B. el è qui tènê brinco di
nhã, 'sie hat ihre Schmuckachen', el tènê di nhêro rib' al miera (P.). Für
~~den Ort~~ ^{port.} tiver, für, estiver werden haber tèn (Sot.), sêz (Sot.)
stã (Barl.) auch angeführt die ~~Texten~~ ^{mit jenen} sich deckenden Formen. — Bezüglich
 des Infinitivs ist eine Anmerkung zu machen. In unserer Sprachen ~~gibt~~
 der einfache Infinitiv auch mit für die Vergangenheit, wenn die Zeit
 mit der der regierenden Verbum übereinstimmt. Da aber im Kretolischen
 durch die Beseitigung der ~~Verb~~ ^{Präsens} Formen der Infinitiv mit dem Verbum
 finitivum zusammenfällt (also me sabê lê ^{wirklich} ebenso gut "ich kann daso ich lese"
 als "ich kann lesen" wiederzugeben wäre), so ~~ist~~ ^{wäre} es nicht wunderbar dass
 sich dafür der Unterschied zwischen Vergangenheit und Gegenwart lebendig
 würde; ~~das~~ ^{doch wie ich nicht} ~~el podê tînha~~ ^{oder} ~~das~~ ^{oder} ~~el podê tînha~~
 von F. gegenüber ~~dem~~ ^{von} ~~el podê tîn~~ ^{von} S. A. gegenüber
 steht, so zu erklären ist. Wahrscheinlicher wird hier in Folge inniger Verschmelzung
 der podê mit dem davon abhängigen Verbum eine ähnliche Erscheinung vorliegen wie
 sie nur in dem gleichbedeutenden curaçol. por a — entgegentritt. Auch Coelho⁴
 S. 5 hat: en podê flãba "ich könnte sagen"; und an jener Stelle der Parabel bei Ribeiro:
quê al ben ardãba (für quê al benba ardã).
 Auf für Das portugiesische Perfectum, ^{das einfache wie das zusammengesetzte (cantou - tem cantado)}
 wie die Grundform verwandt, doch gelten
 für tên und stã die angeführten portugiesischen Perfectformen. In Barl. ist foi fê
 in Gebrauch, während ~~welchem~~ ⁱⁿ Sot. ê (nicht ser) und die Superfectform era
 entspricht. Auch sabe hat die port. Bedeutung, doch gilt ~~stã~~ ^{doch} ~~ist~~ ^{und} ~~ist~~
 nicht ser, sondern ê (und zwar nur in Sot.). Neben ê steht in Sot. die Superfect-
 form era (Sot.) ^{eben so werden} tenba und ("no creolo rachado") staba werden von
 Coelho ^{auch} mit perfectischer Bedeutung angeführt. Die oben angeführten port.
 Perfectformen welche für tên und die Perfecta welche formell mit den por-
 tugiesischen identisch sind (s. oben.), gehören also wohl nicht dem ächten
 Kretolisch an.

flãba 2.2. fo pira 2,4 S. Coelho 8 cu = pal

Es ist somit die a. a. O. ausgesprochene Möglichkeit dass ^{das} ~~stā~~ das port. são sei, auch für das Parthomensische vollständig beseitigt ^{und} nicht nur ist ê sã flã = ~~capovê ê tã flã~~ = ê sã cã flã zu setzen und dies = ê stã cã flã zu setzen wie capv. ê stã flã = ê sã tã flã = ê stã tã flã, sondern auch dies ^{ist dem nicht ähnlich} nicht mit tã verbundenen sã "ist" ~~muß~~ estã sein. Möchte ich lieber estã als são erblicken. Im Negerfranzösischen von Guyenne wird das sa welches als Copula dient, von A. von St. Quentin völlig vom Demonstrativum geschieden, und wer diese Trennung zu einer etymologischen macht, der könnte allerdings an sont denken. Aber u sa sãda ist doch sicher vous, sa soldat; und so kann ja auch die Unterscheidung zwischen to papa kã to maman tã-sã nãg und to papa kã to maman ? sa tã nãg nicht als eine ursprüngliche gefasst werden.

Der port. ^{regante Ind.} Futurum (wird) ..

a) auf die gleiche Weise wie das Präsens wiedergegeben: tã cantã u. s. w., nur dass dieser tã auch bei jenen Verben eintritt welche es im Präsens nicht haben (z. B. el tã "er hat", el tã tã "er wird haben"). (Wie man bemerkt tã sã). Wir können hier jene so allgemeine Identifizierung zwischen Präsens und Futurum voraussetzen, thun aber vielleicht, mit Hinblick auf die ^{allgemein} nicht zahlreichen Differenzfälle, besser in dem tã cantã den Reflex eines port. estã para cantar ^{oder: por cantar} zu suchen.

1) durch Vorsetzung von al (Tot.), a (Part) d. i. port. has de in die 3. Person al cantã a cantã u. s. w.

Dem port. Imperfectum Ind. sollten wir die kreolische Imperfectform alter wie neuer Bildung gegenüber zu finden erwarten, ~~was~~ Dies ist aber nur bei wenigen Verben der Fall, so tinba ^{tenba, teneta} staba, stava, sta, podaba, podia, und den anderen alten Imperfecten der E-conjugation der Fall. Das

staba li 2, 7

Regelrechte ist die Verbindung der Imperfectform mit ta : tã cantaba,
tã cumêba u. s. w.; es wird gleichsam das Imperfect aus dem Præsens
durch Anfügung von -ba abgeleitet, dem dann einfach präteritale Bedeu-
tung zukommt. Nach vollständig der gleichen Methode ist der Negor im
Französischen verfahren; zum Præsens ta chante' lautet das Imperfectum
tã ca chante'. Auf S. Antão ^{vertritt ein veraltetes stã d. i. staba, die Stelle von -ba,}
~~wird das Imperfectum ohne -ba gebildet: stã~~
tã cantã u. s. w., ^(Chelkg S. 5. en staba tã tã; estava dizendo)
~~da stã vertritt die ich habe schon früher bemerkt dass~~
hierzu genau das curacol. Imperfectum: tãba-tã cantã stimmt. Übrig-
ens finde ich auch tã tã padê und tã tã passã (S. A.), sowie ausser-
halb dieser Insel stãba tã passã (B.), tã tã tã (S. N.). Er fällt ~~das~~
Bildung der ~~Formen~~ auf diese Weise gebildete Imperfectum mit dem durationen Præsens
~~entammen~~, oder vielmehr wir haben es zum Theil wirklich mit letzterem (~~stã~~ am
auch das erste tã = estã ist) zu thun wie es ja denn wenn überhaupt einmal die
Zeit bestimmt ist nicht weiter auf die Scheidung von Præsens und Präteritum, sondern
nur auf die im Duratio und Aorist ankommt. Im Santhomonsischen dient
scã (escã) der Darstellung sowohl der Imperfects als des durationen Præsens.
Das Imperfectum Conj. tritt in gleicher Gestalt im Capoverdianen
wie im Portugiesischen ~~auf~~; doch scheint mir diese Form nicht sehr
beliebt bei den Kreolen.
Wenn ^{im Capoverdianen} das Futurum dem Præsens gleich ist, so kann es nicht
Wunder nehmen dass hier auch der Conditionalis ~~stãba~~ Form den
gleichen Ausdruck findet wie das Imperfectum: tã cantaba u. s. w.
Für S. A. wird statt dessen tã cantã u. s. w. angeführt, welches Futu-
rum sein würde. So auch tã tã (Barl.) für tã tãba (Sot.). Be-
merkenswert ist tã serba (Sot.), tã serã (Barl.).
Das Conditionalis Praet. wird ^{im Sot} ~~im Capoverdianen~~ ebenfalls aus dem
Imperfectum abgeleitet, aber mit Vorsezung des Futurals von al (al

